

OU TUDO OU NADA?

Ana Paula Varella Ferreira

QUEM TEM POR HOBBY a escrita, a pintura, a música ou qualquer outro tipo de expressão artística sabe: tem épocas em que a criatividade deixa a desejar. Sentamos na frente dos computadores, nos postamos diante dos cavaletes, agarramos papel e caneta, praticamente fundimos a cabeça e o resultado continua o mesmo: a folha continua em branco, a tela permanece vazia, apesar da mente fervilhar em idéias e imagens.

É bastante natural que o sentimento predominante seja, a princípio, a frustração. Entretanto, se permanecermos atentos a estes momentos, poderemos perceber coisas impressionantes em meio a este vazio. Pouco a pouco, reflexão a reflexão, vai se formando a impressão de que é **justamente no vazio que podemos encontrar a maior sensação de plenitude que podemos experimentar.**

Essa idéia do “vazio-e-cheio” pode acabar sendo encantadora. É verdade que tendemos a nos sentir desconfortáveis diante da idéia do Nada, enquanto que a do Tudo nos acolhe. Afinal, sempre ouvimos por aí que o legal é ter tudo, que não ter nada é ser mal-sucedido. Somos condicionados a ter a mentalidade do mais, da ação, da quantidade, do preenchimento. O nada, o menos, a não-ação, o menor parecem sempre negativos.

Com mais frequência do que talvez eu gostaria, ouço meus pacientes dizerem-se “no nada”, ou “vazios”, com a maior das aflições. Mas a verdade é que existe neste “nada” uma idéia reconfortante e capaz de amenizar estas angústias: **se o que existe é o Nada, então Tudo pode ser feito. Qualquer coisa!** É uma idéia bastante lógica, embora possa ser difícil apreender este conceito num primeiro momento: menos pode, de fato, ser mais.

A idéia da página em branco possibilita uma imagem – uma folha em branco é ilimitada e infinita, e milhares e milhares de possibilidades de escrita, desenhos, garranchos ali estão em potencial. No entanto, se quando temos Tudo o vazio está plenamente preenchido, fato é que Nada mais pode ser feito – a folha está escrita, a pauta está fechada, esgotaram-se as linhas. É aquilo ali e pronto, aquele tudo, completo, cheio, limitado te dizendo: “conforme-se”.

Já o nada é o espaço em potencial necessário para todas as realizações tomarem forma; são todas as coisas existindo ao mesmo tempo, indefinidas, inexatas. A vantagem de não se ter nada é justamente

poder começar tudo de novo, *ilimitadamente*, sem nenhum tipo de restrição. Como num vaso vazio, em cuja terra fértil podem ser plantados quaisquer tipos de sementes.

É verdade que estar no nada pode ser, a princípio, bastante desconfortável e desolador, e que se pode experimentar alguma sensação de perda de referencial. Mas se for possível tolerar o sentimento de ansiedade e visualizar, em meio à crise, uma nova oportunidade, então também haverá a chance de experimentar, como de nenhuma outra maneira seria possível, **toda possibilidade de escolha** – e esse tipo de escolha é exatamente o que define alguém, a escolha de quem não tem absolutamente nada a perder. É a escolha da liberdade.

No que se refere a este texto, confesso que experimento uma certa mistura de sentimentos após ver esboçada a reflexão. Uma parte de mim gosta de ver a página finalmente cheia, mas outra se ressentida com a minha ousadia de encerrar assim a questão, limitando o tema como se nada mais houvesse a dizer. Minha mente continua a fervilhar a respeito, e receio que o assunto seja muito mais extenso, filosófico e complexo do que aqui humildemente tencionei expressar.

Tento então mostrar alguma humildade, mas também manter a ousadia de com o fim do texto questionar se, afinal de contas, todo fim também não seria um recomeço...